



Relato de experiência de organização do trabalho e comercialização de produtos agroecológicos das mulheres de Araponga – MG

DUARTE, Maria Rosânia Lopes¹; FERREIRA, Eli Perpétuo Duarte²; DUARTE, Edivânia Maria Gourete³; LOPES, Neide Leal⁴

¹Escola Família Agrícola Puris de Araponga, zannalopesduarte@yahoo.com.br; ²Escola Família Agrícola Puris de Araponga, eliduarteferreira@gmail.com; ³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, edivania.duarte@ifsudestemg.edu.br; ⁴Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araponga, neidelealopes@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Apresentação e Contextualização da experiência

A organização das mulheres de Araponga, Zona da Mata de Minas Gerais, resiste com um grupo de mulheres agricultoras familiares e agroecológicas (Figura 1), que sempre lutaram por autonomia e independência financeira utilizando-se de formas de produção sustentável e se fortaleceram com a Cooperativa dos Agricultores e Agricultoras Familiares e Economia Solidária de Araponga-MG (COOFA). Essa organização nasceu a partir da dificuldade financeira enfrentada pelas famílias e da necessidade das mulheres terem sua própria renda alternando entre a gestão da residência, cuidados com a família, cuidado com os animais, hortas e ainda trabalhando nas lavouras.

Araponga é um município localizado na região imediata de Viçosa, interior de Minas Gerais. Localizada em região montanhosa, o relevo favorece a agricultura familiar e a prática da agroecologia (Figura 2).



Figura 1: Formação das mulheres realizada em 2021

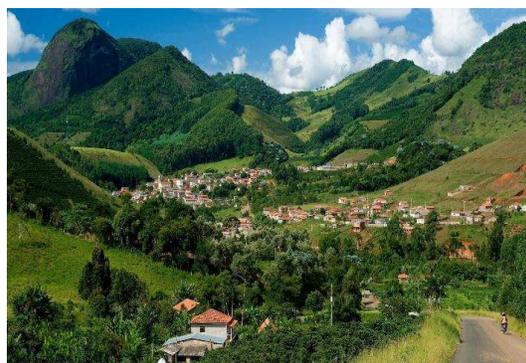


Figura 2: Araponga (sede)

É um município pequeno com 8.048 habitantes e essencialmente rural, com aproximadamente 63% desses habitantes residindo no campo (IBGE 2022). Mesmo



as pessoas que moram na cidade de Araponga ou no seu distrito Estevão de Araújo dependem da agricultura.

A agropecuária é apontada como principal atividade econômica, predominando as lavouras de café e pastagens, porém, marcam presença também o milho, feijão, arroz, frutas, hortaliças e também a criação de pequenos animais. E é nesse trabalho que vem se destacando o trabalho dessas mulheres.

Desenvolvimento da experiência

A história se inicia em 2010 através de uma professora parceira que trabalhava na escola estadual da cidade e na Escola Família Agrícola Puris de Araponga (EFA-Puris). Ela trouxe a informação aos gestores da EFA-Puris que as escolas estaduais da cidade e distrito dispunham de recursos para comprar produtos de agricultores familiares, os quais seriam destinados à alimentação escolar. Os recursos advinham do governo federal através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) instituído pela Lei nº 11.947/2009 (BRASIL, 2009). Os diretores das escolas e Conselho Escolar, responsáveis pelas compras, buscaram os agricultores(as) dispostos a produzir os alimentos.

A associação acionou a comunidade. Para o fornecimento desses alimentos deveriam ser atendidas algumas normas e critérios como: ter um planejamento produtivo demonstrado por meio de um projeto que garantisse quantidade e diversidade de produtos e regularidade na oferta; participar de chamadas públicas em editais; ofertar notas fiscais para prestação de contas. Com tais critérios, estariam demonstrando sua organização, seriedade e comprometimento em produzir e entregar o melhor de seus produtos.

A partir daí duas mulheres que passavam por dificuldades financeiras buscaram informações e se articularam com alguns agricultores para garantir a produção. Esse primeiro grupo foi reduzido a dois agricultores, entregando apenas três produtos informalmente, sem estarem ligados a uma organização associativa ou cooperativa. O primeiro ano foi o mais difícil pois enfrentaram o despreparo dos agricultores para lidar com as dificuldades da produção, pelas questões climáticas e de solo e maior ainda, dos que recebiam o produto nas escolas, pois acostumados com a aquisição de pacotes de alimentos industrializados, colocavam muitos defeitos nos produtos. Alguns foram devolvidos.

Nos anos seguintes, tanto o número de famílias ofertantes foram aumentando, quanto a qualidade dos produtos melhorou. O grupo fechou contrato de fornecimento para escolas estaduais e municipais. Houve a necessidade e o incentivo de comercializar via uma instituição. Tal fato mobilizou os agricultores(as) para resgatar, documentar e recompor o quadro de sócios, bem como a direção da Associação dos Agricultores Familiares de Araponga (AFA) que apesar de já existir, estava naquele momento inativa. Neste movimento, destacou-se a maioria de mulheres que assumiam assim o seu protagonismo na agricultura e na produção de alimentos, tomando para si a produção e a entrega dos produtos.



Mais tarde, houve a necessidade de comercializar via cooperativa. Foi criada em 2015 a Cooperativa dos Agricultores e Agricultoras Familiares e Economia Solidária de Araponga (COOFA) com 31 membros, entre estes, 10 mulheres. Na composição da Diretoria e Conselho da cooperativa foram eleitas quatro delas. Neste mesmo ano

(2015) em agosto, foi criado também pela cooperativa uma rede *online* de produtores(as) e consumidores(as) agroecológicos de Araponga onde, através de redes sociais (e-mail) eram disponibilizados os produtos e preços ofertados pelos agricultores(as) na semana e eram também recebidos os pedidos dos consumidores. A entrega era feita na sede da cooperativa.

Em 2016 a Rede passou a entregar na feira livre da Agricultura Familiar e Cultural de Araponga. As mulheres levavam seus produtos agroecológicos e diversificados representando a cooperativa (Figura 3), com o lema: “vendemos aquilo que temos coragem de comer”.



Figura 3: Diferentes campos de produção e produtos entregues pelas mulheres



Desafios

Os principais desafios enfrentados inicialmente foram a dificuldade financeira para aquisição de ferramentas, materiais para a produção e mudas, mas através de cooperação e coragem resistiram a essas dificuldades. Ainda é presente as dificuldades em relação a captação e tratamento de água e esgoto da propriedade, a falta de tecnologias que facilitem o manuseio e o cultivo, a falta de veículos coletivos que facilitem o transporte de produtos, a exposição em feiras, ampliação do comércio e, conseqüentemente, a produção e renda. Enquanto isso, as entregas são realizadas com veículos próprios (Figura 4).



Figura 4: Entrega de produtos aos consumidores no Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais, feira e cooperativa

Principais resultados alcançados

A organização das mulheres muito se orgulha da quantidade, qualidade e da diversidade dos produtos ofertados visto que essa é uma preocupação das mesmas em relação à segurança alimentar de suas famílias que se estende a seus clientes e fregueses.

Essa experiência foi impulsionada durante a pandemia de covid-19 quando foi necessário que todos os governos adotassem medidas rigorosas de isolamento social e declarado *lockdown*, em todas as cidades. Com o isolamento alguns alimentos básicos faltaram nas prateleiras dos mercados e os preços foram inflacionados. Nesta situação, muitas famílias passaram a fazer seus pedidos via rede e até o supermercado local demandou produtos dos agricultores e agricultoras locais. Mediante essa demanda dos clientes, a rede agroecológica *online* voltou a



funcionar organizando a produção, pedidos e a organização das cestas seguindo os protocolos de segurança estabelecidos pelo Ministério da Saúde e Secretaria de Saúde do município e estado.

Atualmente são atendidos pela rede agroecológica em média duzentas famílias que que consomem: mandioca, alface, couve, cebolinha, salsinha, agrião, ovos caipira, brócolis, mostarda, batata doce, batata yacon, cenoura, beterraba, couve flor, laranjas, mexerica, rúcula, limão doce, cebola de cabeça, repolho, tomate, abóbora d'água, moranga, serralha, azedinha, leite, queijos, conservas, doces, frango, alho, alho poró, gengibre, amendoim, açafrão, manjeriço, hortelã, chicória, almeirão roxo, abacate, ora-pro-nóbis, chuchu, conde, inhame entre outros. Verificou-se que essa troca necessária entre produtores e consumidores fortaleceu o vínculo de confiança, além de aumentar a renda das mulheres e o seu poder de decisão dentro da família.

Ademais, a qualidade de vida e renda dessas mulheres melhorou muito, algumas mudanças foram notadas como aquisição do cartão de produtor rural, Declaração de Aptidão ao Pronaf podendo assim emitir notas fiscais em seus nomes.

Podem ser notadas melhorias das residências como ampliação, pinturas e reformas, aquisição de equipamentos eletrônicos, maquinários para potencializar a produção etc., os quais conferem mais autonomia, independência e bem estar para estas mulheres, para toda a família e comunidade.

Disseminação da experiência

A experiência vem crescendo no município e serve de inspiração para outras mulheres, famílias, organizações sociais locais e até regionais. Pode se dizer com toda certeza que nessa caminhada elas adquiriram muito conhecimento, fundamental para a gestão da produção de alimentos de qualidade que é ofertado para estudantes e famílias de nosso município, contribuindo para manutenção da sua segurança alimentar e nutricional.

Referências Bibliográficas

BRASIL, Lei 11.947 de 16 de junho de 2009. **Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica; altera as Leis nºs 10.880, de 9 de junho de 2004, 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, 11.507, de 20 de julho de 2007; revoga dispositivos da Medida Provisória nº 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, e a Lei nº 8.913, de 12 de julho de 1994; e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 08/07/2023.

IBGE. **Censo 2022.** Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/> Acesso em: 06/07/2023.